

Redes sócio-espaciais e migrações em cidades médias: Um estudo de Uberlândia-MG*

Karla Rosário Brumes*
Arthur Magon Whitacker*

PALAVRAS-CHAVE: migração, redes; cidades médias

RESUMO: A existência de base físico-territorial mais ou menos abrangente, dotada de articulações econômicas e sociais notáveis, é uma situação disponível em poucos países na atualidade como o Brasil. Cidades, vias, indústrias e complexos produtivos em geral podem constituir-se em alternativas bastante caras aos formuladores de políticas públicas de corte regional. A compreensão dos papéis das cidades médias, por meio do estudo das redes urbano/sociais e das migrações, se coloca em virtude de que suas extensões e fisicalidades podem constituir um recurso estratégico para um planejamento territorial dirigido a ampliação da equidade e redução das desigualdades. A escolha deste tema se justifica pela necessidade de se compreender, se o movimento migratório originário em áreas urbanas densamente ocupadas, ao desconcentrarem-se no território brasileiro, no caso para as cidades médias, tem influenciado estas a expandirem suas funções urbanas, econômicas e sociais. A pesquisa está buscando entender as cidades médias por meio dos movimentos migratórios e suas articulações dentro das redes urbanas e sociais. Isto tem sido feito por meio da análise dos principais fluxos migratórios que circularam por localidades urbanas centrais do Brasil, entre 1970 e 2000; por meio da compreensão das dimensões teóricas e metodológicas das migrações urbanas; bem como pela análise da evolução e desempenho da rede de localidades no período (densidade e centralidade das localidades nas trocas migratórias por meio de medidas da análise de redes urbano/sociais aplicadas à migração interna). Busca-se entender as cidades médias por meio dos movimentos migratórios e suas articulações dentro das redes urbanas e sociais. Assim estão sendo analisadas como e quais as ingerências que o fenômeno da migração a partir das suas dimensões teóricas metodológicas apresentam quando da análise das migrações internas em cidades médias como Uberlândia-MG.

*Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

*Prof.ª da UNICENTRO-Universidade do Centro Oeste do Paraná.
Doutoranda em Geografia pela FCT/UNESP campus de Presidente Prudente-SP.

♦Prof. da FCT/UNESP campus de Presidente Prudente-SP.
Orientador da pesquisa.

Redes sócio-espaciais e migrações em cidades médias: Um estudo de Uberlândia-MG*

Karla Rosário Brumes*
Arthur Magon Whitacker♦

1. INTRODUÇÃO

O lugar¹ enquanto categoria analítica é abordado visto a sua compreensão enquanto expressão geográfica da singularidade, descentrada, universalista, objetiva em que é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. Neste sentido, ele se apresenta como “o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento” (CARLOS, 1996, p. 16).

Esta percepção é relevante na pesquisa em função dela estar intimamente relacionada ao processo de expansão do modo capitalista de produção que através de uma ampla rede de fluxos (de transportes, de informação e de mercadorias), conseguiu incorporar progressivamente todos os pontos da superfície do planeta, inclusive aqueles considerados como os mais remotos.

O lugar surge assim tanto como uma expressão do processo de homogeneização do espaço imposta pela dinâmica econômica global, quanto uma expressão da singularidade, na medida em que cada lugar exerce uma função imposta pela divisão internacional do trabalho. O lugar surge como produto de uma ambigüidade que se estende a todas as relações sociais que envolvem o homem e o meio – é o singular (o fragmento) e é também o global (universal) que o determinam.

Na medida em que as contradições internas constituem-se na principal razão de existência do capitalismo, o lugar, segundo este ponto de vista, seria também um reflexo desta ambigüidade, e logo das dualidades centro/periferia, geral/pontual, globalização (homogeneização) /fragmentação.

*Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu-MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

♦Prof. da UNICENTRO-Universidade do Centro Oeste do Paraná.
Doutoranda em Geografia pela FCT/UNESP campus de Presidente Prudente-SP.

♦Prof. da FCT/UNESP campus de Presidente Prudente-SP.
Orientador da pesquisa.

¹ Apesar das amplas reflexões já realizadas a cerca do seu significado, é possível afirmar que este é o conceito menos desenvolvido neste campo do saber. Contudo, duas acepções principais facilmente podem ser identificadas sendo estas consideradas em dois de seus eixos epistemológicos: o da Geografia Humanística e o da Dialética Marxista. Embora ambas as correntes possuam fundamentações filosóficas diferenciadas, têm em comum o fato de terem surgido como reações ao positivismo então vigente o qual permite a descrição da natureza a partir de leis e teorias assim como a dissociação homem-meio.

a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos, Carlos (1996, p. 17).

Estudar os lugares também é importante âmbito da compreensão das redes uma vez que de acordo com Santos (1988, p. 34), “ao mesmo tempo em que a singularidade garante configurações únicas, os lugares estão em interação, graças à atuação das forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal (o capitalismo)”. Nota-se que de fato esta é uma realidade do mundo moderno, onde a intensa rede de fluxos (mercadorias; pessoas, etc.) e social, marcam a conexão entre lugares. Tais redes caracterizam-se por apresentar “uma estrutura extremamente complexa, organizada de acordo com a especialidade de funções e segundo uma hierarquia de atividades”, Corrêa (1997, p. 108).

O estudo do território² também contempla a análise das migrações, das redes e das cidades médias, uma vez que as diferenças acarretadas na passagem de um território para outro tem reflexos diretos na análise destes fenômenos. No que diz respeito ao estudo da migração, por exemplo, fica iminente o fato de que ocorre um forte processo de (multi)territorialização³, uma vez que os deslocamentos acontecem com algum nível de ruptura da vida cotidiana e até mesmo temporal de um grupo social, inclusive no seu processo de trabalho. Entretanto, não é em todos os deslocamentos migratórios que pode ser observada uma desterritorialização.

Da abertura a percepção das diferentes formas de poder e do princípio de diferenciação inerente ao conceito de espaço social, Haesbaert (2004) constrói o conceito de território ressaltando que diferentes formas de apropriação do espaço são responsáveis pela construção de territórios de diferentes características e dimensões. Distingue inicialmente “três dimensões do território: cultural, econômica e política” (p. 91-92), ressaltando que diferentes abordagens podem privilegiar a análise de uma ou outra destas dimensões. Nos entremeios de sua explicação concluímos que não se trata de construir uma visão hierarquizada destas diferentes dimensões de apropriação, mas destacar a coexistência destas no “contemporâneo de forma articulada/conectada (p. 113-114)”.

Procuraremos, assim, integrar a dimensão territorial produzida no bojo das migrações e do processo de (multi)territorialização e reterritorialização em cidades médias, observando como as várias redes acabam se constituindo ao longo deste processo. Segundo Martins (2002) se faz necessário pensar nos fatores propriamente sociais, culturais e econômicos embutidos no processo de migração, para que a análise se realize diante desta condição. O movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção

² O conceito de território neste trabalho aborda (espaço físico e social) como domínio de modos de vida, que uma vez sofrendo mudanças estariam prestes a apresentar situações propícias ao deslocamento.

³ Usamos este conceito o de (multi)territorialidade que aparece como uma resposta a esse processo identificado por muitos como “desterritorialização”. Concordamos com Haesbaert (2004), quando afirma que mais do que do que discutir e entender a perda ou o desaparecimento dos territórios a complexidade dos processos de, há uma necessidade pujante de discutir a (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa (multi)territorialidade.

do território nas sociedades pós-modernas segundo Haesbaert (2004), pois vigora o controle da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões em que o território passa gradativamente, de um território mais “zonal” ou de controle de áreas para um “território-rede” ou de controle de redes.

Nos ajuda muito na compreensão das (multi)territorializações que acontecem na sociedade atual e por conseguinte a influência deste conceito em temáticas como as das migrações e das cidades médias o que já foi apresentado por Raffestin (1993), quando afirma que dentro da complexa relação entre redes e áreas ou zonas como os dois elementos fundamentais constituintes do território (para, duas das três “invariantes” territoriais – a terceira seriam os pólos ou nós, que no nosso ponto de vista são, juntamente com os “dutos”, constituintes indissociáveis das redes), deve ser destacado a enorme variedade de tipos e níveis de controle territorial.

A o espaço e sua natureza, na compreensão dos objetivos propostos, são concebidos como o lugar da reprodução das relações de produção, Lefebvre (1991)⁴. O autor dá conta de ampliar o conceito de produção, dando-lhe um sentido amplo e vigoroso. Para ele, “o termo designa, de uma parte, a criação de obras (incluindo o tempo e o espaço sociais), em resumo, a produção espiritual, e, de outra parte, a produção material, a fabricação de coisas (p. 37)”. Assim ele não se limita ao sentido estrito de produção econômica, mas fala também da produção do ‘ser humano’ por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico, que implica a produção de relações sociais, ou mais amplamente, o sentido próprio da reprodução.

Pensando o espaço e as relações sociais nas diferentes dimensões o conceito thompiano de experiência, tem muito a contribuir com a temática. Sua preocupação, ao elaborar o conceito, é criticar toda forma de determinismos na análise social, seja ele economicista, sexista ou de outras naturezas, ressaltando “a natureza provisória e exploratória de toda teoria⁵” e a “abertura do espírito com que se deve abordar todo conhecimento”⁶ Eleva assim, a posição do sujeito enquanto o ser que experimenta e a partir do qual o conhecimento adquire sentido.

O papel desenvolvido dentre de um determinado espaço leva em boa parte dos estudos a uma compreensão das mesmas relacionadas ao seu escopo econômico, todavia, mesmo concordando que este é um aspecto que a priori traz mais luz no fim do túnel no sentido de melhor entendê-las, a busca por também compreender suas articulações ante os aspectos como os sociais se faz presente.

As leituras de Santos (1994, 1996), também auxiliam na compreensão dos processos espaciais ao apresentarem a dupla dimensão do processo, a saber, à dimensão geográfica, física, objetiva e material e à dimensão da ação social, relacional, mágica e invisível. Na pesquisa esta compreensão se faz necessária visto que ela é passível de ser aplicada ao permitir que a investigação da análise dos fenômenos contemple essa dupla dimensão, a saber, a física e a social das redes.

Em Santos (1985), com claras influências de Marx e Lefebvre, é possível entender o conceito de espaço é interdependente aos conceitos de modo de produção; formação

⁴ Estudioso de viés marxista que marcou a retomada da discussão do conceito de espaço no interior da Geografia Crítica na década de 1970.

⁵ Thompson (1981, p. 182).

⁶ Thompson (1981, p. 186).

econômico-social e formação sócio-espacial fazendo com que o mesmo seja encarado como um fator social e não o seu reflexo, resultando em uma ação humana que gera a organização do espaço, que origina forma, movimento e conteúdo de natureza social sobre o espaço. Nas sociedades de mercado, a ação humana é caracterizada pela ação de sujeitos sociais que, ao se apropriarem e controlarem os recursos escassos, natural e socialmente produzidos, tornam-se capazes de impor sua marca sobre o espaço.

Santos (1982) aponta alguns pontos que precisam ter atenção redobrada ao se tratar de estudos geográficos por meio do materialismo histórico-dialético a fim de que a Geografia inspirada pelo marxismo prossiga o seu caminho, adquira novas adesões e renove o estudo de certos conceitos, criando e incorporando novas categorias de análise para que ela mostre-se mais fecunda. Assim, em primeiro lugar o autor faz uma alusão à necessidade crucial do trabalho empírico, único meio capaz de perceber o decurso da história em sua materialidade, “o desabrochar de novas realidades, com a renovação dos fatos” (p. 132). Trabalho teórico-empírico é assim que o autor denomina-lhe.

É preciso ir recolher no real **o que ele é**, peça por peça, mecanismo por mecanismo, ilação por ilação e desse conjunto das coisas e das relações que as animam, examinado à luz de conjuntos maiores, o que permitiria extrair as significações que sendo particulares ao caso estudado, tragam igualmente, ainda que escondida em seu bojo, uma dimensão universal, e encerrem um germe ou uma promessa de abstração factualmente construída (p. 132, grifo do autor).

Santos (1982) em segundo lugar também ressalta a importância de “saber incorporar, donde venham, aportes que ajudem à compreensão dessa realidade em termos totais” (p. 132, grifo do autor). A idéia é abrir um *front* de batalha contra os “purismos epistemológicos” que muitas vezes levam ao dogmatismo ou mesmo à ignorância, deixando então de partirem de um método de estudos para partirem de uma verdadeira doutrina filosófica. Segundo Sebreli *apud* Santos (1982, p. 133), “a verdadeira tradição do marxismo criador não está em varrer por motivos políticos o pensamento não-marxista em sua totalidade, mas em assimilá-lo com o devido instrumental crítico”.

Em terceiro lugar, Santos (1982) coloca a importância da noção de totalidade, pela qual se terá uma percepção correta de realidade, assim, para ele tal abordagem seria possível a partir de “uma melhor utilização do conceito de formação econômica e social nos estudos geográficos e da categoria de formação sócio-espacial” (p. 135).

Por existir uma extensão da forma e processo social e espacial, a pesquisa caminha no sentido de entender o espaço integrado à lógica urbano-industrial e a politização do espaço social, uma vez que esta extensão das condições gerais de produção e reprodução coletiva própria do binômio cidade/indústria e urbano/industrial ao território como um todo, levou junto o germe da polis da *city* politizando o espaço social. A idéia é entender como se de a produção do espaço no Brasil hoje, particularmente a produção do espaço social e não a produção do espaço econômico abstrato, a serviço das acumulações e sim a serviço de uma produção socioespacial.

Os estudos das migrações no trabalho abordam uma perspectiva “macro” que é típica de uma análise proveniente tanto da Economia como da Geografia, uma vez que entende-se que se tratam de análises que lidam explicitamente com a variável espaço e que procuram enunciar os fatores que levam a um desenvolvimento particular dos territórios.

Esta confluência de análise é defendida diante da existência de mecanismos que levam a uma dada localização dos estabelecimentos humanos em realidades de tipo urbano ou regional, central ou periférico, tanto em contextos nacionais como internacionais, uma vez que a distribuição territorial que conduzirá, por sua vez, a movimentos populacionais (migratórios) concretos.

A conjugação dos fatores de localização leva à criação de geografias particulares, isto é, realidades regionais e urbanas concretas. Pode se argumentar que, na maioria dos casos, os fatores indicados por estas teorias se ligam à escolha racional dos agentes, a critérios “micro” que, através de decisões otimizadoras, presidem aos arranjos econômicos. Não obstante ao que vem sendo apresentado até então cabe desta forma defender a idéia de que as teorias, sobretudo, as de inspiração marxista, também tem procurado estabelecer uma inter relação entre as estruturas espaciais e as relações sociais.

Se for considerado que a Geografia da produção, num determinado contexto histórico, representou a expressão espacial das relações sociais de produção, as condicionantes “macro” do comportamento migratório tornam-se evidentes (CASTELLS, 2000).

As abordagens dos fenômenos como da migração em cidades médias demonstra que os vários estudos realizados por diversas ciências, entre elas a Geografia, apresentam em seu bojo questões que falam das propriedades de acessibilidade e distanciamento, quando se referem ao papel da fricção da distância relacionada aos assuntos humanos, onde a distância é tanto uma barreira como uma defesa contra a interação humana, Harvey (1992).

A pesquisa também se baseia em estudos que relacionam migração e urbanização que divergem da idéia de que o ato de migrar reduz-se apenas a uma procura por melhores condições de vida, uma vez que dados recentes indicam que os fluxos migratórios também são um vetor de desenvolvimento, onde o migrante contribui positivamente nas localidades de destino. Isso se deve, em boa parte, a alteração nos padrões de movimento observados nos últimos anos, nos quais os migrantes de origem urbana são amplamente predominantes no total de migrantes, testemunhando o simples fato de que o Brasil se tornou amplamente urbanizado há pelo menos 20 anos.

A leitura de (MATOS, 2002) demonstra a idéia da do padrão de urbanização influenciando também no perfil dos migrantes, porquanto se tornaram mais experientes, mais informados e preparados para o emprego. Já as leituras de (PATARRA, 1995; BAENINGER, 2000; ANDRADE e SERRA, 2001; CUNHA, 2001), auxiliam na compreensão dos padrões migratórios observados desde a década de 80 que indicam tanto uma reestruturação das redes urbanas, como a transformação no perfil dos migrantes que acompanham o recente processo de desconcentração espacial.

Ao analisar uma rede socioespacial nota se que os homens não são apenas um elemento do todo, ou, seja, eles se movem juntos, formando um ser envolvente que no espaço resultam fios invisíveis de comunicação que os unem, produzindo assim uma ação em direção a um objeto comum de ação, assim também é a origem das relações das quais nascem o

poder. Arendt (1997) de forma clara afirma que o poder pode ser entendido por meio de uma comunicação que só existe no reconhecimento dos outros. Entende-se aí uma existência coletiva e não individual o que traz a importância de se posicionar a compreensão do mundo em uma análise que valorize também uma ação social.

A importância dessa teoria está associada ao fato de que ela lida com os processos do coletivo e da importância dos nós, das redes, de um agir em conjunto. Seria a concordância dos homens em direção a um curso comum da ação no mundo. (ARENDR, 1997) afirma que isto resulta em um entendimento que sem povo e sem grupo, não há poder.

Não obstante a possibilidade de abrangência do universo da pesquisa é prudente ressaltar que a realidade social nunca se alcança em si mesma, uma vez que, a análise só pode recortar conjuntos significativos, dotados de um sentido e de uma lógica interna, no interior de um fluxo de acontecimentos que não somente transborda o escopo da análise possível, que, sobretudo, carece de existência real independente da *práxis* humana, quer dizer, da orientação normativa dos sujeitos sociais. Para avançar na problemática das redes, é preciso observar sua dupla determinação, uma primeira, associada ao desenho de sua arquitetura que lida com a dimensão física e técnica, apresentada nas características estruturais das redes; e uma segunda, relacionadas às práticas políticas dos sujeitos sociais membros das redes (SCHERER, 2003).

A análise de redes sociais tem a peculiaridade de não utilizar métodos probabilísticos para definição de amostragem. Neste tipo de análise tenta-se incluir todos os atores que integram uma determinada população, cujos contornos se definem dentro de limites naturais originários de características relacionais da própria população estudada, assim, foram identificados teorias, conceitos, processos e procedimentos capazes de iluminar a realidade das práticas sociais observadas nos atores membros das redes, trata-se de um esforço de trabalho que procura observar as diferentes variáveis que desempenham papel importante na análise das novas formas de associação. Lefebvre (1994) e Santos (1994), falam da importância da análise da teoria social à complexidade que conformam a dimensão social das redes.

As abordagens das redes sociais na presente pesquisa estão apoiadas nos estudos e teorias de (MINHOTO e MARTINS, 2002; WELLMAN, 1998; HANNEMAN, 2003, 2005, 2007, SANTOS, 1994). Por ser inerentemente interdisciplinar será necessário manejar, de forma integrada, diferentes tradições teóricas para ponderar e explicar os diferentes fatores intervenientes nos processos de formulação e implementação de políticas sob ação estratégica de diferentes agentes estatais e extra-estatais passíveis de serem objetivamente apreendidas.

Uma das vantagens destacadas na análise de rede sociais é que ela “permite a medição e descrição de estruturas e sistemas que seriam praticamente impossíveis de serem realizadas sem conceitos relacionais, além de permitir testar hipóteses sobre essas propriedades estruturais” (WASSERMAN e FAUST, 1997, p. 17).

Ainda como suporte ao às questões de análise das redes sociais, os estudos de (CROSS; PARKER; BORGATTI, 2002) trazem significativa contribuição, pois demonstram como estudar os relacionamentos que as pessoas mantêm para adquirir informação e conhecimento, permitindo assim serem visualizadas e compreendidas a miríade dos relacionamentos que podem facilitar ou impedir a criação e o compartilhamento do conhecimento. Também os estudos de (HANNEMAN, 2005), permitem representar as descrições de uma rede de maneira concisa e sistemática.

O estudo das redes sociais na migração inseridas no contexto da produção econômica e vida social que são estratégias de sobrevivência e de sustentabilidade dos envolvidos no processo migratório quando se referem teoricamente a respeito das redes sociais na migração e as relações sociais existentes no complexo processo migratório que articulariam migrantes e não migrantes.

A abordagem da inserção do estudo das redes é muito importante, contudo, também busca-se um entendimento que diante de uma diversidade de análises que são apresentadas por diversos autores e linhas que tem na abordagem das redes referencial destacado em especial se é considerado o debate mais contemporâneo, há a necessidade de que um caminho teórico-metodológico seja estabelecido para que se possa integrar os estudos de rede na análise geográfica. Dentro deste aspecto, Santos (1999) sem dúvida alguma traz significativas contribuições ao contribuir de forma sem igual para a construção de conceito de rede ao apresentar que existe sim uma busca por mais fluidez, que tem como resultado a busca de técnicas mais apuradas, o que ele vai chamar de uma técnica “sociotécnica”, p. 275 por acreditar que ela não o é sozinha, os seja, a análise se pressupõe de ações conjuntas na compreensão das redes.

Os estudos a respeito das cidades médias têm caminhado no sentido de buscar uma definição bem como uma metodologia própria que de suporte para a compreensão a respeito dos papéis destas cidades na estrutura urbana brasileira. O caminho tem sido difícil visto a diversidade de localização e função que as mesmas desenvolvem de acordo com o local que ocupam dentro de variados espaços. Enquanto alguns estudos ainda baseiam sua concepção relacionada ao seu tamanho populacional, outros vão além, ao fazer relação das mesmas diante se suas várias articulações dentro de variadas redes.

Entender o conceito de cidades médias, do fenômeno das migrações internas e as articulações das várias redes materializadas no espaço, passa por uma busca da compreensão das transformações contemporâneas diante do modo de produção e sua influência nestas estruturas. É entender que aquele capitalismo que fazia com toda uma série de situações fossem orientadas até meados dos anos de 1980 por ditames unicamente econômicos, que no caso do Brasil se faziam necessários para a difusão desta lógica capitalista, agora é transvestida por uma lógica da inclusão de novas modalidades de estudo, como as lógicas sócias.

Diante do exposto, se faz muito necessário buscar por meio deste escopo teórico metodológico uma melhor compreensão dos fenômenos objetivados na pesquisa, a fim de que se possa efetivamente contribuir com um discurso cientificamente válido que se reflita em benesses para a sociedade.

2. REDES E MIGRAÇÕES NA CIDADE DE UBERLÂNDIA-MG

A existência de base físico-territorial mais ou menos abrangente, dotada de articulações econômicas e sociais notáveis, é uma situação disponível em poucos países na atualidade. Além disto, cidades, vias, indústrias e complexos produtivos em geral podem constituir-se em alternativas bastante caras aos formuladores de políticas públicas de corte regional.

As oportunidades de empregos e investimentos em determinadas localidades atuam, durante certo tempo, em um círculo virtuoso que alimenta o desenvolvimento econômico e a expansão das centralidades. Isto até que o ponto de saturação se estabeleça e o que era vantagem passe a ser desvantagem.

Regiões outrora periféricas gradativamente se equipam, inclusive recebendo investimentos produtivos, e se, concomitantemente, as localidades centrais saturadas impõem crescentes sobrecustos aos residentes (associados a transporte, moradia, poluição, saúde e *stress*), percebe-se que a fuga destes centros pode ser dar de modo espontâneo ou induzido por iniciativas governamentais Costa (1975) e Correa (1989; 2005).

Trabalhadores com os mesmos baixos salários em grandes cidades ou em cidades médias, muito provavelmente, preferem a segunda alternativa, em face de uma melhor condição para a reprodução de suas necessidades materiais e humanas. Caberia então indagar sobre a capacidade relativa de as periferias, enquanto base físico-territorial, representarem uma contrapartida consistente para a mitigação da pobreza e desigualdade sócio-espaciais⁷.

É nesse âmbito que se coloca a pertinência da reflexão sobre redes urbano-sociais e migrações tendo como base territorial de análise as cidades médias, já que sua própria extensão e fisicalidade constituem um recurso estratégico para o planejamento territorial dirigido a ampliação da equidade e redução das desigualdades.

Entre os uberlandenses é sabido que uma parcela considerável da população da cidade é oriunda das mais variadas localidades do país. A chegada destes migrantes à cidade é resultado de reordenação do espaço urbano brasileiro bem como da interiorização do crescimento econômico que vêm se processando desde os anos de 1970. A cidade é pólo regional, definido conforme regionalização da Fundação João Pinheiro de 1985, juntamente com mais 11 cidades mineiras. Nas últimas três décadas, a cidade entrou no ranking dos 50 maiores municípios brasileiro e está entre as três do estado de Minas Gerais. Nota-se que a cidade vem sustentando o mesmo poder de atração de migrantes nas duas últimas décadas.

Soares e Bessa (1999), afirmavam que no contexto econômico da cidade de Uberlândia–MG destacam-se a modernização da agricultura e a implantação de indústrias e agroindústrias altamente modernas e competitivas, e a grande expansão do setor terciário, marcado pela ampliação do comércio atacadista e varejista, bem como pelos serviços de apoio.

Além disto, as atividades agropecuárias e o extrativismo vegetal foram responsáveis por 0,27% da arrecadação de ICMS em 1997, segundo o Censo do IBGE de 1991. A cidade se apresenta como “um centro altamente centralizador de uma área de aproximadamente trinta municípios, que recorrem à cidade para complementar as atividades de comércio, saúde, educação e serviços especializados que não possuem” (SOARES, 1995, p. 260).

Este exacerbado crescimento econômico provocou uma série de alterações no espaço urbano da cidade, visto que o mesmo proporcionou a ela condições e características distintas das demais cidades que a cercam. Um bom exemplo pode ser observado quando se

⁷ Há inegavelmente relação existente entre migração e dinâmica econômica, porém, nos atentamos ao fato de buscar compreender o que seria o “mito” da qualidade de vida.

analisa o número de migrantes na cidade em relação à sua população total que, reflete a força de atração exercida pelo município.

Na cidade essa atração foi evidente com crescimento migratório entre as décadas de 1970 de 71,5% e 1990 de 53,5% junto ao crescimento total (IBGE, 1991). Os dados relativos aos migrantes junto ao crescimento total para a década seguinte apresentam índices inferiores aos da década de 1970 e 1990, todavia, os números ainda são significativos com um incremento de 43% (IBGE, 2000).

Soares e Ramires (1996) afirmam que na região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais as cidades médias, atingidas pela modernização da economia, são o destino dos movimentos migratórios, pois esse processo redefine o papel desempenhado por estas cidades com relação às atividades econômico-sociais no país.

Mas qual seria o segredo dessas cidades médias? Seria a qualidade de vida? A oferta de empregos? O desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação (computadores/*internet*)? Por que os migrantes estariam se dirigindo com mais intensidade para essas cidades, em detrimento dos grandes centros?

Entre os muitos fatores que podem ser considerados como dinamizadores ao desempenho demográfico das cidades médias destacam-se, as recentes mudanças nos padrões locacionais da indústria, as mudanças da questão migratória, a periferação das metrópoles, a ação governamental, a expansão da fronteira agrícola, além do desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação.

A região do Triângulo Mineiro conta com a presença de alguns pólos regionais, o que faz com que existam municípios populosos que gravitam ao seu entorno. Segundo Matos (1998), o Triângulo Mineiro tem como principais cidades Uberlândia e Uberaba, que aparecem como áreas dinâmicas, mais do que municípios como Araguari, Ituiutaba, Patrocínio e Araxá, localizados nesta mesma região de Minas Gerais, *figura 01*.

FIGURA 01



O processo de (re) funcionalização que garante à rede urbana novos papéis, promoveu a projeção de alguns centros urbanos em detrimento de outros. Entre estes é possível citar Uberlândia-MG.

O número de migrantes em relação à população total constitui-se num fator que reflete a força de atração exercida pelo município de Uberlândia. Segundo Soares e Bessa (1999) em Uberlândia, essa atração foi mais evidente entre as décadas de 70 e 91, quando o crescimento migratório respondeu respectivamente por 7,5% e 53,5%, junto ao crescimento total.

Assim sendo, ela se apresenta, na atualidade, como um centro altamente centralizador de uma área de aproximadamente trinta municípios, que recorrem à cidade para complementar as atividades de comércio, saúde, educação e serviços especializados que não possuem (SOARES, 1995, p. 260).

As participações dos movimentos migratórios em cidades médias têm sido bastante acentuadas nas últimas décadas, com enfoque principal entre os anos de 1980/91. Dados apresentados pelo censo de 80 e contagem populacional revelam que, dos 7,3 milhões de pessoas que migraram, 45% tiveram como destino as cidades de porte médio⁸.

Os cidadãos brasileiros, de maneira geral, vêm buscando locais onde possam ter uma melhor qualidade de vida e novas oportunidades. Estes fatores como este são encontrados em algumas áreas do país, como as cidades médias. Nota-se, que em virtude de uma série de fatores, o fluxo migratório que tradicionalmente se dirigia para as grandes metrópoles, tem buscado estas cidades.

A escolha deste tema de estudo dentro de uma rede urbana e social mais evidente a partir da migração e estabelecida na base territorial de cidades médias justifica-se sob duas óticas. A primeira visa compreender se as cidades médias são destino dos movimentos migratórios originários de áreas urbanas densamente ocupadas ao se desconcentrarem no território brasileiro e se isto, por conseguinte tem papel relevante na expansão das funções urbanas, econômicas e sociais, destas cidades contribuindo assim para a reestruturação urbana brasileira.

A busca por uma definição precisa que leve as cidades médias a serem compreendidas dentro de uma dinâmica que as configure como espaço representativo dentro do contexto urbano brasileiro, tem feito com que inúmeros estudiosos se esmerem em apresentar contribuições relevantes que levem a uma melhor compreensão do papel desempenhado por estas cidades dentro dos mais variados contextos. Se com toda justiça os primeiros estudos trouxeram o viés econômico como o espectro analítico que mais poderia fazer com as cidades médias se estabelecerem como “novos” espaços das articulações e territórios de uma reordenação urbana, em muitos sentidos apenas o enfoque econômico não tem proporcionado respostas significativas aos que buscam compreender as cidades médias.

⁸Cidades de porte médio devem ser diferenciadas de cidades médias, uma vez que as primeiras têm como principal característica o número de pessoas que nelas existem, diferente das segundas, que abarcam mais do que o número de habitantes, ou seja, para se defini-las é preciso considerar muitas outras características como, por exemplo, as das funções que exercem perante outras cidades que cercam.

A segunda ótica, que tem por base as inserções tanto das redes urbanas como as sociais, busca compreender como as cidades médias podem ser levadas em consideração nos atuais estudos de migrações, uma vez que são singularidades recorrentes do padrão urbano e migracional presente no atual mundo globalizado.

Assim algumas reflexões ainda merecem serem deixadas a respeito deste imbróglio analítico que envolve a construção de matrizes que tragam a luz uma melhor evidenciação daquilo que tem se constituído os estudos dos fenômenos migratórios bem como o próprio fenômeno e também como a inserção destes por meio das várias redes se materializam nos territórios das cidades médias. Esta situação tem colocado especialmente os estudiosos em uma situação bastante complicada visto a algumas situações.

Em primeiro lugar, não está se negando a grande influência macro estrutural presente na estrutura capitalista vigente, ou seja, há ainda uma demanda por migrantes em determina das localidades devido: a repulsa dos “locais” em ocupar os setores de baixa produtividade, pois estes (em virtude de uma maior qualificação e até a uma espécie de prestígio ou regalia natural) ficariam reservados o setor mais “moderno”; e a atitude de governos e/ou empreendedores em recrutar os desprestigiados; para o cumprimento das tarefas consideradas de baixo calão, a saber, os migrantes. O segundo ponto deriva justamente deste primeiro, o sujeito diante destas ingerências vai agora mais do nunca buscar de qualquer forma também fazer parte do processo determinações já que agora o faz de modo consciente, ou seja, ele agora também é um dos agentes que tem papel definido no processo migratório.

3. O CAMINHO A SER PERCORRIDO PELA PESQUISA

Ao mesmo tempo em que a pesquisa apresentada é desafiante diante da gama de assuntos que se pretende abordar, ela também é prazerosa por saber que procuramos caminhos que buscam a análise da rede, por exemplo, por meio da integração das análises sociais e territoriais, com base no princípio de que podemos contribuir com a idéia de que os conceitos não são descobertos pura e simplesmente, mas são construídos, criados e recriados, ao longo de um processo.

Assim o objetivo principal deste trabalho é compreender as cidades médias e o estabelecimento de novas redes urbanas e sociais analisando para tal as migrações urbanas nesta base territorial os anos de 1970 e 2000, período este de fortes mudanças nos padrões urbanos brasileiro. Isto se dará por meio da compreensão das dimensões teóricas e metodológicas que buscarão analisar a evolução e desempenho das redes de localidades neste período quanto à densidade e centralidade das localidades nas trocas migratórias e também por meio de medidas da análise de redes urbanas e sociais aplicadas à migração estabelecidas em cidades médias, para a cidade de Uberlândia-MG, ou seja, buscar-se-á analisar como e quais as ingerências em cidades médias, quando da análise das migrações internas e das redes sócio-espaciais.

Já os objetivos específicos se propõem a: 1. Analisar os possíveis setores de uma cidade média que se beneficiam da constante presença de migrantes. Para atingir a este objetivo têm sido realizadas entrevistas com os responsáveis pelos setores da administração

pública, bem com os responsáveis de algumas empresas da iniciativa privada da cidade de Uberlândia. Também por meio da análise dos números apresentados pelos censos com relação ao contingente de migrantes na cidade de Uberlândia-MG, com especial destaque aos apresentados entre os anos de 1970-2000; 2. Analisar as estruturas sociais estabelecidas na cidade a partir do estudo de redes sociais. Para que este objetivo seja alcançado já tem sido aplicada a ARS (análise de redes sociais), junto aos trabalhadores migrantes de empresas/indústrias da cidade de Uberlândia; 3. Analisar a cidade de Uberlândia-MG por meio das redes estabelecidas. Para tanto, análise da RLC - Rede de Localidades Centrais tem sido usada no sentido de se esboçar e entender o papel desta cidade média no contexto urbano brasileiro.

Na elaboração de uma pesquisa não há dúvidas de que a fonte de dados mais completa sobre movimentos populacionais, por exemplo, continua sendo os Censos Demográficos do IBGE. Contudo, em face da velocidade das transformações e das expectativas de mudanças nos próximos anos, faz-se necessário recorrer a outras fontes de dados que auxiliem na visualização de tendências econômico-sociais no período intercensitário.

Diante desta realidade, para que os objetivos sejam alcançados tem sido necessário a princípio a coleta de dados bastante pontuais, observando-se as variáveis em cidades médias como Uberlândia-MG. Neste sentido colocamos aqui a dificuldade de se levantar variáveis estruturantes que possam ser usadas como pontos nevrálgicos que unam cidades médias situadas em regiões distintas e com particularidades tão diversas quanto às brasileiras. Assim o caminho metodológico escolhido para investigação das características de cada uma das dimensões do território conjugará método qualitativo e quantitativo, (GIANNETTI, 2006), por meio de leituras; pesquisas de dados estatísticos em fontes secundárias; utilização de *softwares* e entrevistas/questionários.

4. PRIMEIROS RESULTADOS COLETADOS

A tipologia usada na pesquisa considera o recorte analítico que visa a absorção do contexto ora relacional, ora autônoma com ênfase recaindo sobre um grupo de migrantes, pré selecionados em que escolha recaiu na análise coleta de informações em quatro empresas/indústrias da cidade de Uberlândia-MG. De início a execução da coleta foi feita por meio de uma dinâmica de grupo, que envolveu em média 20 pessoas que compõem o grupo alvo que consistia em: apresentação de cada um dos membros a todos os outros posteriormente, o membro que se apresentava deveria fornecer as seguintes informações a seu respeito: nome, departamento de trabalho, breve histórico de experiência na atividade.

Ao final da apresentação, os demais membros deveriam preencher uma linha do questionário de ARS que fora previamente distribuído, com as informações pertinentes àquele membro que acabara de se apresentar. Ao final da dinâmica os membros do grupo entregavam os questionários preenchidos. O tempo de duração da dinâmica foi de 30 minutos aproximadamente⁹.

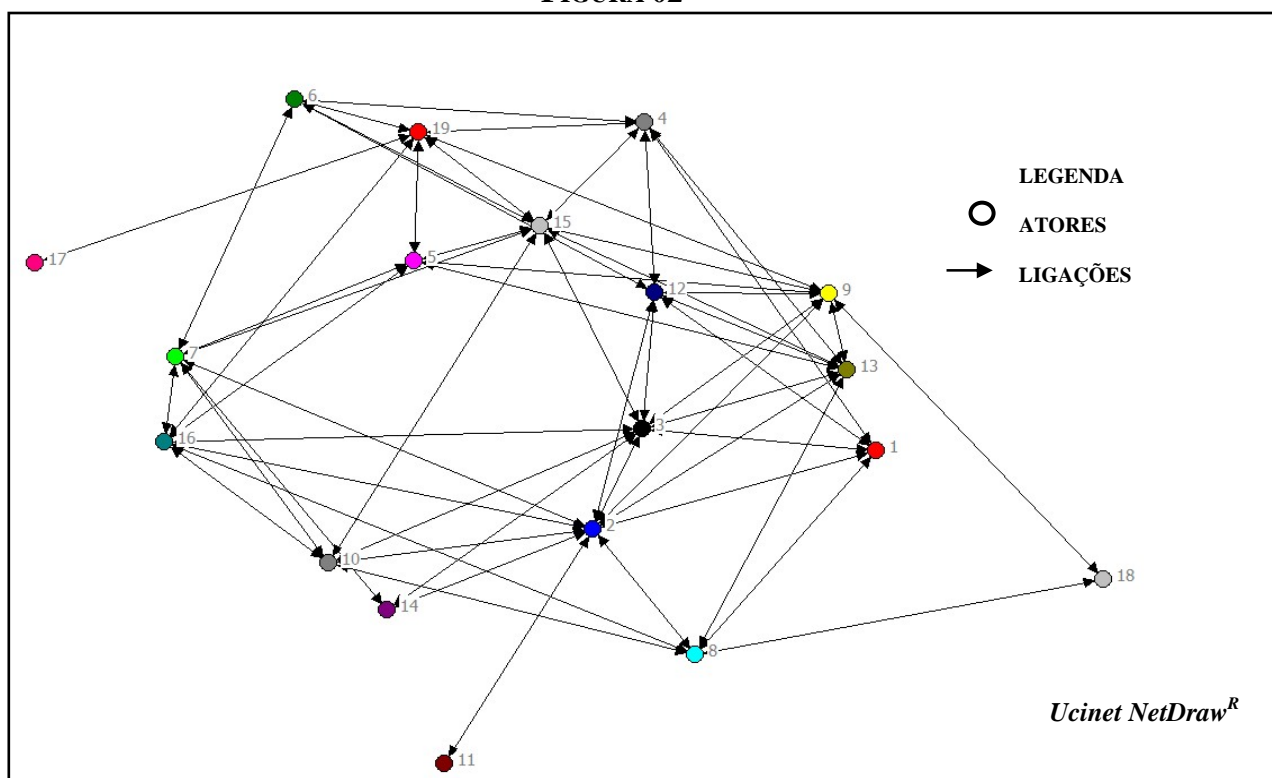
⁹ A pesquisa fará análise de cerca de 80 questionários distribuídos em 4 empresas. A forma de coleta até o dado momento apresentou as seguintes vantagens: obteve-se uma alta taxa de respostas (94% das pessoas

Os resultados são apresentados, conforme os sociogramas a seguir, demonstram os laços estabelecidos entre migrantes e como estes acabam por fazer com que os componentes tenham destaque. Vale ressaltar que as configurações apresentadas são matrizes que se estabelecem no sentido de fazer um exercício que demonstre a importância deste tipo de tratamento como mitologias de trabalho para entendimento de uma cidade média como Uberlândia.

A *figura 02*, resultado da aplicação da técnica na Empresa 1, demonstra que a rede estabelecida proporcionou, tanto aos envolvidos como a própria empresa, a criação de conhecimento que posteriormente pode ser usado em benefício próprio. Isto porque o resultado atingiu as dimensões que contribuíram com este intento. As dimensões em devem materializar os propósitos, segundo Cross, Parker e Borgatti (2000).

A *figura 02*¹⁰ apresenta 75 ligações entre os 19 sujeitos envolvidos. Os atores 2, 3, 13 e 15 foram aqueles que apresentaram maiores ligações. Isto se deu em virtude da posição que ocupam dentro da empresa, subchefes, mostrando que eles seriam aqueles que deveriam apresentar esta disposição vista ao cargo que ocupam, todavia, o ator 19 também apresentou muitas ligações mesmo não ocupando na Empresa 1 mesma função dos sujeitos já citados anteriormente.

FIGURA 02



FONTE: Entrevistas, 2007.

ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO: Karla R. Brumes, 2008.

responderam; propiciou rapidez na coleta das informações (30 minutos) e garantiu maior precisão no entendimento das informações pelo respondente, pois o estivemos à disposição, suportando o processo o tempo todo.

¹⁰ É importante ressaltar que como rede é algo dinâmico, o resultado aqui apresentado, é o do momento de realização da pesquisa, podendo em outra oportunidade apresentar resultado diferente.

O aprofundamento da análise descobriu que este ator é um funcionário com bastante tempo de empresa o que mostra que estabeleceu fortes laços com os demais, e que esta situação acaba por resultar em um grau de confiança elevado segundo os demais atores. Os atores 11, 17, 18 apresentam poucas ligações com os demais. A pesquisa demonstra que eles entraram na empresa há menos de dois meses e isto influenciou e muito no resultado apresentado. No geral todos os sujeitos da apresentam relacionamento uns com os outros. Após a coleta de informações passou-se a etapa em que durante a realização do exercício apareceu a oportunidade de falar com este grupo de sujeitos migrantes. Na ocasião foi pedido para que eles de livre espontânea vontade falassem a respeito de suas situações de migrantes, mediante a algumas perguntas previamente estipuladas. Diante da situação colocada os sujeitos 5 e 16 se apresentaram, o interessante aqui foi notar que estes dois sujeitos possuem ligações entre si.

O ator 5¹¹, 33 anos, setor de produção com ensino médio, chegou à cidade de Uberlândia-MG há dez anos e há dois anos trabalha na Empresa 1. É oriundo de Patos de Minas-MG e segundo ele na cidade conseguiu melhorar de vida, mudou se para a cidade porque tinha alguns parentes que lhe diziam ser ela cheia de empregos. Segundo ele,

aqui é melhor, mais emprego e a cidade é grande, quanto a está coisa de ser migrante eu acho que sou mesmo, eu gosto daqui mas queria que meus parentes mais íntimos estivessem aqui, mas eu estou acostumado e Patos de Minas é bem pertinho. Eu acho que por ser de fora eu me dou melhor com quem também é de fora, porque somos assim mais cheios de saudades, acho que se formos mais amigos ficamos mais felizes e se estamos mais felizes trabalhamos melhor, eu acho. Mas eu gosto de todos aqui viu gente, mas, no fundo que os meus outros colegas não me ouçam já que aqui somos todos migrantes, o povo daqui de Uberlândia é meio metido¹².

A situação acima mostra que de fato os migrantes acabam por achar que se identificam com os outros em mesma situação e que quando estão se identificando isto acaba por fazer com que eles até produzam mais em seus locais de trabalho. Os laços de solidariedade demonstram neste sentido que quando uma rede social vai se estabelecendo uma série de benefícios acabam por se materializar. Se estes laços são transferidos para o local de trabalho, segundo os chefes dos setores o rendimento dos funcionários é excelente. Confiança, tempo de trabalho, ajuda mútua, eis os aspectos que podem fazer diferença no local de trabalho. Podem fazer diferença, pois mesmo não tendo na pesquisa feito este exercício grupos de funcionários não migrantes, muitos outros funcionários foram apontados por seus superiores como sendo funcionários de alto rendimento com excelentes relacionamentos.

O ator 16 também é oriundo de Patos de Minas-MG, tem 25 anos vive em Uberlândia-MG, há sete anos e na Empresa 1 trabalha há quatro anos, possui apenas o antigo primeiro grau completo. A análise do sociograma demonstra que possui mais laços do que os estabelecidos pelo ator 5. O motivo segundo os demais sujeitos e segundo ele próprio é

¹¹ Em 10/01/2008, residente no bairro Tibery na cidade de Uberlândia-MG.

¹² Neste momento todos os 19 atores dão risada uma vez que pareceu a todos que o ator 5 estava excluindo todos os demais funcionários que não eram migrantes.

porque trabalha na empresa por mais tempo e também porque é mais aberto a novos relacionamentos, o que de fato são elementos que fazem diferença quando a ARS é colocada em prática. O ator 16 assim se pronuncia:

eu gosto de Uberlândia demais, já moro aqui a uns 7 anos e pouco. Eu me mudei com toda minha família porque a gente pensou que iria ser melhor, se bem que para mim foi mesmo. Eu acho que não sou migrante não, mas o povo acha. Dizem que sou uberlandino e não uberlandense, mas eu não estou nem aí, por hora eu acho que esta coisa de fazer amizades é para fazer com todos. Não sinto falta de onde eu vim e lá não em *shoppis*¹³. Eu estou com muitas brincadeiras, mas é isto gosto de todos, de fora ou não eu gosto.

O ator 16 deixou bem claro que possui muitas relações estabelecidas em virtude de sua própria ação, assim, não foi surpresa sua reação diante da afirmativa de que é um migrante, e no fundo, é certo que já não o seja no significado da palavra uma vez que relação de sujeito com o meio no qual se insere esta inserido, já não mais medido pelas saudades do lugar de onde veio. O momento em que o migrante no processo de migração vai estar inserido totalmente em uma nova localidade, é assim abordado por Martins (1988, p. 61),

Com relação a ligação existente entre os atores 5 e 16 observada na *figura 02*, é reflexo da postura adotada pelo ator 16, ou seja, é mais aberto a outros amizades segundo ele mesmo define, contudo, o ator 5 em sua ótica assume que quando soube que o ator 16 era da mesma cidade que dele, isto acabou gerando uma abertura para que uma relação de maior proximidade fosse sendo estabelecida, pois logo queria saber se o ator 16 conhecia fulano, ciclano em suas cidades de origem. Ou seja, mesmo que um dos sujeitos não veja o fato de ser de uma mesma localidade como fator de maior ou menor relação com alguém, esta claro que faz diferença, pelo menos em um primeiro momento, o fator mesma origem nos estabelecimento de redes, com laços. Esta situação é facilmente apreendida quando se usa a ARS em um contexto como os dos migrantes.

A *figura 02* apresentada em conjunto com as entrevistas questionários aplicadas a alguns dos atores da rede demonstram interações espontâneas, em duas situações distintas: uma pelos contatos que os atores mantêm no dia-a-dia, nos encontros casuais e até mesmo quando sentem necessidade, por motivos diversos, de entrar em contato entre si; e a outra em decorrência das reuniões da Empresa 1 em que os sujeitos são convocados para tratar de assuntos pertinentes a eles, ocasião em que a informação que circula é sempre absorvida, consciente ou inconscientemente, e transformada em conhecimentos que se constituem em benefícios organizacionais. Mesmo quando as discussões são em torno de um assunto pautado para a reunião, consideramos que as interações são espontâneas, por serem as manifestações e experiências trocadas, em grande parte, espontaneamente, como resultado da vivência.

No caso da Empresa 1, cabe ainda uma última observação na *figura 02*. Os atores 1, 2, e 10, com certeza apresentaram ligações porque são parentes, a saber, um tio e dois primos. Toda literatura que aborda redes dentro do contexto migratório, já apresentava o fato de que há um papel preponderante quando se observa os migrantes provenientes de uma

¹³ Mais um momento de riso no grupo, *shoppis*, aqui significa *shopping center*.

mesma localidade. No caso dos atores 1, 2 e 10, são oriundos de Santa Juliana-MG, ou seja, migrantes provenientes de uma mesma localidade e que apresentem grau de parentesco, acabam enveredando por um mesmo nicho de trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período 1970/2000. *In: ANDRADE, Thompson A.; SERRA, Rodrigo V. (org.) Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ARENDT, Hannah **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAENINGER, R. (2000) São Paulo no contexto dos movimentos migratórios interestaduais. *In: HOGAN, D. J. (org.) et al. Migração e Ambiente em São Paulo: aspectos relevantes da dinâmica recente*. Campinas: NEPO/UNICAMP. p. 127-169, 2000.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 1996, 85 p.

CASTELLS, Manuel. *Materials for an exploratory theory of the network society*. *The British Journal of Sociology*, v. 51, n. 1, p. 5-24, jan./mar. 2000.

CORRÊA, Roberto L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand. 2006. 336 p.

CORRÊA, Roberto L. Quem produz o espaço urbano? *In: O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1997. p. 11-35.

CORRÊA, Roberto L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005. 304 p.

COSTA, Manuel Augusto. **Urbanização e migração urbana no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1975.

CUNHA, Jose Marcos P. da. Aspectos demográficos da estruturação das regiões metropolitanas Brasileiras. *In: HOGAN, M.; BAENINGER, R.; CUNHA, Jose M. P. da CARMO (orgs.). Migração e ambiente nas aglomerações urbanas*. Campinas: Unicamp, 2001. p. 19-49.

CROSS, Rob; PARKER, Andrew; BORGATTI, Stephen P. *A bird's-eye view: using social network analysis to improve knowledge creation and sharing*. *Knowledge Directions*, v. 2, n. 1, p. 48-61, 2000. Disponível em: <http://www.analytictech.com/borgatti/publications.htm>. Acesso em 13 dez. 2007.

CROSS, Rob; PRUSAK, Laurence; PARKER, Andrew. *Where work happens: the care and feeding of informal networks in organizations*, 2002. Disponível em: http://www-3.boulder.ibm.com/services/learning/solutions/ideas/whitepapers/iko_wwh.pdf Acesso em: 21 dez. 2007.

GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã**. São Paulo: Companhia das letras, 2006. 336 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HANNEMAN, Robert A. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: *University of California*, 2003. <http://faculty.ucr.edu/~hanneman/Soc157/TEXT/TextIndex.html>. Disponível em 14/03/2006.

HANNEMAN, Robert A.; RIDDLE, Mark. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: *University of California*, 2005. <http://faculty.ucr.edu/~hanneman>. Disponível em 14/03/2006.

HANNEMAN, Robert A. **Introducción a los métodos del análisis de redes sociales**. Departamento de Sociología de la Universidad de California Riverside. (Cap 1 Los datos de las redes sociale. Traduzido por Maria Ángela Petrizzo e revisado por José Luis Molina, a partir da versão eletrônica disponível em <http://wizard.ucr.edu/~rhannema/networks/text/textindex.html> [Data de consulta: Outubro de 2007]. [O livro está disponível em: <http://www.redes-sociales.net/>]

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contagem Populacional**: 1996. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 ago. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisas e Censos Demográficos** de 1970 a 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 ago. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE/CNAE). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Classificação Nacional de Atividades Econômicas, 2004-2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Regiões de influências das cidades**, Revisão atualizada do estudo Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas. IBGE, Rio de Janeiro, 1987. 183p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991, 145 p.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Trad. Maria Helena Rauta e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A, 1994. 180 p.

MARTINS, José de S. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. *In: Não há terra para plantar neste verão*: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 44-61.

MATOS, Ralfo; BRAGA, Fernando. Rede urbana e redistribuição espacial da população brasileira. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 8, 2002. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

MINHOTO, Laurindo Dias; MARTINS, Carlos Estevam. **As redes e o desenvolvimento social**. Cadernos FUNDAP, n. 22, 2001. p. 81-101.

PATARRA, Neide Lopes (org.). **Emigração e imigração no Brasil contemporâneo**. Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP), São Paulo, 1995.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria C. França. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996. 154 p.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994. 124 p.

SANTOS, Milton. Alguns problemas atuais da contribuição marxista à geografia. *In*: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1985.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1988.

SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1982.

SCHERER-WARREN, I. **Movimentos sociais**: um ensaio de interpretação sociológica. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2003.

SOARES, Beatriz R. Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização, **Formação**, Presidente Prudente, v. 1, n. 6, p. 55-64. 1999.

SOARES, Beatriz R. **Uberlândia da “cidade jardim ao portal do Cerrado”**: imagens e representações no Triângulo Mineiro. 1995. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1995.

SOARES, Beatriz R.; BESSA, Kelly C. F. de O. Uberlândia e sua região: caracterizando uma cidade média. *In*: UNIVERSIDADE E CIÊNCIAS HUMANAS: CONTRASTES E PERSPECTIVAS 4, 1999. **Anais...** Viçosa: **Cd rom**, Videolar, 1999.

SOARES, Beatriz R.; RAMIRES, Julio C. A inserção das cidades médias no contexto da globalização: reflexões a partir do Triângulo Mineiro. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CANADENSES, 1997. **Anais...** Uberlândia: EDUFU, 1997, p. 447-450.

THOMPSON, E. P. “O termo ausente: experiência.” *In*: **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. *Social network analysis: methods and applications*. Reprinted with corrections 1997. 13th printing 2005. Cambridge: University Press, 1997.

WELLMAN, Barry. *El análisis estructural: del método y la metáfora a la teoría y la sustancia. Política y Sociedad*, Madrid, n. 33, Ene-May, 2000, p. 11-40 (Texto disponível em: <http://www.ucm.es/info/pecar/Revis.htm>). *In*: WELLMAN, B.; BERKOWITZ, S. D. (eds.) **Social structure: A network approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 19-61. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman/vita/index.html>.